

## editorial

O movimento de mulheres continua em ação. O oito de Março foi comemorado nas ruas de diversas capitais e cidades importantes do país, sintonizando a sociedade com a agenda de lutas feminista.

Neste número, além de ressaltar a necessidade das mobilizações feministas nacionais, trazemos a iniciativa criativa e combativa das feministas da Galícia, na Espanha, num artigo de Begonha Caamanho que nos relata o resultado do chamado a uma greve de trabalho doméstico.

Outro assunto urgente refere-se à barbárie mercantilista da indústria cultural que tem como estratégia a manipulação do corpo das mulheres. Nesse sentido, trazemos o artigo da estudante Juliana de Almeida que discute como o fenômeno “musical” do funk carioca foi amplificado pela mídia, manipulando e alienando imensas platéias juvenis. Queremos lembrar ainda a dimensão da violência contra as mulheres, física e simbólica estimulada por essas músicas “pop conservadoras”. Estamos novamente diante da tarefa de denunciar a exploração comercial de grupos musicais, monopolizados por organizadores de bailes funks e contribuir para a distinção entre uma relação de liberdade e autonomia com o próprio corpo e o tratamento deste como objeto de consumo sexual, que pode, inclusive, induzir adolescentes a práticas sexuais de risco.

Vamos à luta.

As Semprevivas.



Nalva Maria

Passeata 8 de Março em São Paulo

## 8 de Março de 2001: Nas ruas, o feminismo versus o machismo, o racismo e o neoliberalismo

por Maria Lucia Silveira

Nesse 8 de Março, aconteceram manifestações que mostraram a capacidade de mobilização e articulação das mulheres de diversos setores sociais. Esse ano, juntaram-se jovens estudantes, mulheres negras e indígenas, trabalhadoras rurais e mulheres dos movimentos populares. O tom nacional das manifestações das mulheres mostrou nossa capacidade de constituirmos um feminismo de ação, de nos tornarmos sujeitos políticos capazes de interferir na conjuntura deixando uma marca feminista nas lutas sociais, nacionais e internacionais

As notícias das atividades do 8 de março, ocorridas em diversos estados, superaram nossas expectativas pela afinação temática e de ampliação de participação. O trabalho realizado pela Marcha Mundial de Mulheres e alimentado no Fórum Social Mundial rendeu frutos. Podemos dizer, sem medo de parecer ultrapassadas, que as feministas continuam pisando na calçada e que suas bandeiras de luta podem pene-

trar em setores sociais diferenciados.

Acertamos ao trazer para o espaço público as demandas feministas, estabelecendo as conexões entre as desigualdades sociais e de gênero na vida concreta das mulheres. Seja lutando por terra, trabalho, direitos sociais, direito ao aborto, seja lutando contra a dívida externa, contra a violência sexista, o racismo, as políticas neoliberais, enfatizou-se, nas diferentes manifestações do

continuação da capa

8 de março, que as mulheres têm muito a dizer sobre cada uma destas questões.

Não foi à toa que o jornal O Estado de São Paulo não nos remeteu ao suplemento feminino apenas, mas nos destacou no principal caderno com uma manchete que parecia a do movimento: “Mulheres tomam as ruas do país para protestar”.

Como fez questão de enfatizar uma dirigente das trabalhadoras rurais em Curitiba, “Não são apenas flores que nos contentam, mas políticas públicas e dignidade para as mulheres”.

São infundadas as preocupações com uma suposta pureza feminista perdida, já que, mesmo as jovens personagens que entraram em cena já aprenderam o principal: fazer valer a suas vozes e os seus direitos na prática. Aprenderam que as lutas específicas não se opõem às lutas gerais, seja quando lutam por maior participação das mulheres na reforma agrária, seja quando repudiam a violência contra as mulheres e exigem respeito diante da manipulação do corpo das mulheres numa cultura midiática mais do que mercantilista e conservadora.

## Mulheres em ação

Aparentemente uma lista de demandas bastante diversificada foi apresentada e sustentada nesse 8 de março pelas mulheres em diferentes e criativas manifestações, o que dá para algumas feministas uma sensação de diluição. Ao contrário, podemos enxergar nessa amplitude de reivindicações um sintoma de que as lideranças femininas de diferentes áreas estão dispostas a garantir a igualdade entre homens e mulheres nos diversos espaços e, melhor, têm muito a dizer sobre cada questão importante deste país e do mundo.

Não obstante essa diversidade de demandas, conseguimos garantir o eixo



8 de Março em São Paulo (Detalhe)

político das manifestações respondendo à conjuntura política: combater o neoliberalismo que deteriora as condições de existência da população e, sobretudo, das mulheres e garantir nossa autonomia frente às estratégias atuais de controle do corpo das mulheres e outras formas de violência sexista.

Se, às vezes, nos cansamos de organizar, articular, aparar arestas, também aprendemos que entender o ritmo, a urgência e a capacidade de luta de mulheres de diferentes setores sociais vale bem o esforço de ver brilhar nas ruas nossa ousadia em nos envolvermos com qualquer assunto deste país, mostrar que somos protagonistas de lutas e que assuntos de mulher são todos os que nos afetam em nossa autonomia dignidade pessoal e social.

Estivemos nas ruas protestando e mostrando como o neoliberalismo afeta nossas vidas, fazendo nossas apostas em um outro mundo possível, traduzindo nossas lutas na conjuntura e batalhando pelo aprofundamento da consciência feminista.

Em São Paulo, realizamos uma grande passeata. Nosso slogan *sem machismo, sem racismo, sem preconceito e sem FHC* sintetizou a amplitude de nossa plataforma de reivindicações. Afinadas com a conjuntura, fizemos uma “fogueira das opressões”, queimando simbolicamente a música “tapa na cara”, a bandeira dos EUA e a cerca do latifúndio.

A ANMTR – Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, manifestou-se em diversos estados,

organizando acampamentos em conjunto com as mulheres do MST e engajando-se nas mobilizações gerais do 8 de Março. Tivemos manifestações significativas em todas as regiões, como em Pernambuco, Maranhão, Mato Grosso do Sul etc. No Rio de Janeiro, como em outros acampamentos das mulheres do MST nas cidades, houve atividades conjuntas das feministas, como o café da manhã com as mulheres do MST na Cinelândia e a tenda feminista para debates no acampamento.

Em Porto Alegre, por exemplo, as mulheres do MST protestaram em frente ao MacDonalds simbolizando o repúdio a uma agricultura afetada mundialmente por uma lógica determinada por um consumo globalizado que altera a produção de alimentos, as relações de trabalho e inviabiliza a agricultura familiar onde as mulheres rurais batalham por sua sobrevivência e seu espaço.

Enquanto setores da mídia se envolveram em enquetes vazias e artigos pré-concebidos sobre a validade e a oportunidade do feminismo e de se comemorar nos dias de hoje, o 8 de março, a realidade mostra cruamente a necessidade de reafirmarmos o projeto político do feminismo de constituição de sujeitos livres e autônomos.

Enfim, continuamos com 2001 razões para lutar e realimentar nosso feminismo para transformar a sociedade atual que mercantiliza nossos corpos, mentes e esvazia de sentido nossas vidas e, no limite inviabiliza a nossa própria sobrevivência.

## Um paro para que nada nos pare<sup>1</sup>

por Begonha Caamanho\*

A Coordenadora Nacional Galega da Marcha Mundial de Mulheres convocou para o dia 10 de outubro de 2000 uma greve de 24 horas de trabalho doméstico e uma greve no trabalho.

O objetivo era denunciar a discriminação das mulheres no trabalho e evidenciar a importância do nosso trabalho não quantificado, o doméstico.

Desde o princípio sabíamos que era uma tarefa dura. Era a primeira vez que se convocava uma greve só de mulheres e tínhamos tudo contra.

Os sindicatos apoiaram a convocação porque não se atreviam a se opor. Na realidade, a greve trabalhista foi organizada pelas mulheres dos sindicatos, não pela estrutura das centrais que se mantiveram céticas e distantes. Contudo, esta atitude por parte das direções dos sindicatos abriu um debate interno sobre o machismo também nas organizações sindicais.

A greve doméstica e do trabalho foi repudiada pelos meios de comunicação que até aquele momento tinham sistematicamente silenciado sobre todas as mobilizações organizadas pela coordenação da Marcha. De silenciadas passamos a ser protagonistas, porém, no papel de más, claro! O que era isso, as mulheres convocarem uma greve de gênero? O que era isso, excluir os homens de territórios como o das greves e da ação sindical, onde estava consolidada sua liderança? E, sobretudo, o que pretendíamos com essa greve doméstica? Quem iria cuidar de crianças e idosos nesse dia? Quem iria preparar comidas para os trabalhadores jantarem?

O debate na mídia, ainda que feito pelo negativo, deu os frutos esperados. Todas as mulheres souberam da convocação da greve e todas se posicionaram. Durante a semana anterior à data fixada



“A violência tem gênero, também tem cúmplice.” 8 de Março na Galícia - Espanha

para a greve, monopolizamos o debate nas ruas, nos mercados, nas empresas e nas casas. Não foi só a realização de muitas assembleias com trabalhadoras, associações de “donas de casa” e com os movimentos de vizinhança..., quando chegávamos aos mercados para distribuir propaganda, as mulheres já conheciam a proposta da greve e apoiavam os seus objetivos. Bem, é verdade que muitas manifestavam a sua impossibilidade de segui-la. “Tens razão –diziam, já está bem que tudo em casa seja tarefa nossa. Já chega de fazer dupla ou tripla jornada, porém, se eu não dou de comer a meus filhos quem vai fazê-lo?” Não importa. Isso era também um dos objetivos da convocação da greve doméstica: confirmar que o trabalho que as mulheres realizam nos seus lares é, na realidade, um trabalho escravo, sem direitos trabalhistas de nenhum tipo, sem o direito trabalhista mais básico: o de greve. E foi também uma chamada de atenção para o conjunto da sociedade e das instituições.

A greve de outubro de 2000 foi só a primeira e as mulheres reagiram bem,

mesmo que não de forma majoritária. Mas, o que acontecerá, se florescer a consciência feminista e a próxima greve tiver ampla adesão?

### Nem um minuto ao Patriarcado, nem uma peseta ao neoliberalismo

Esse é o lema com que a Coordenação Nacional da Marcha Mundial de Mulheres na Galícia celebrou o 8 de Março de 2001. Isso porque pobreza, exclusão e marginalização têm nome de mulher.

Nem um minuto ao patriarcado é um chamado à rebeldia das mulheres para que deixem de assumir suas próprias tarefas domésticas. Nem uma peseta ao neoliberalismo é uma reflexão coletiva sobre como a globalização econômica afeta diretamente as mulheres e faz retroceder os avanços conseguidos na luta pelos nossos direitos. A luta contra esta globalização é também um objetivo feminista, não só porque as mulheres são as suas primeiras vítimas (algo evidente quando se analisa quem “paga” a política de cortes nos serviços sociais), senão, porque queremos um mundo mais justo para todos e todas. Na campanha deste 8 de março, as mulheres galegas realizamos várias ações contra interesses do capitalismo que globaliza a miséria, um capitalismo que atenta contra as estruturas básicas de produção de nosso país, que torna aguda a feminização da pobreza, que nos perpetua como mão de obra de baixo preço e que nos converte em consumidoras e objetos de consumo.

<sup>1</sup> “Uma greve para que nada nos pare”.

\* A autora é dirigente das Mulheres Nacionalistas Galegas e Coordenadora Nacional da Marcha Mundial de Mulheres na Galícia, Espanha.

## Nova onda, velha história: o funk carioca

por Juliana Ferreira de Almeida \*

Mais uma vez nossos meios de comunicação são invadidos por uma nova onda musical. Sim, chega de axé, sertanejo ou brega, agora o que está em voga é o funk carioca, que ficou escondido nos bailes dos morros cariocas por décadas. O mais grave de toda essa questão é que as grandes corporações (gravadoras e meios de comunicação que criaram o boom do funk, fazem músicas como “bonde do tigrão”, “poposuda” e “só um tapinha não dói” tocarem em programas de tv dominicais e em centenas de rádios) pegaram apenas um lado dessa cultura funk, exatamente a que se refere à mulher como um objeto, e a massificaram, fazendo até mesmo as mulheres, que são agredidas com o conteúdo da maioria dessas letras, acharem que não tem nada demais, que é até verdade o que os funkeiros dizem.

Não é a primeira vez que isso acontece nos meios de comunicação do Brasil e de todo o mundo se analisarmos bem. Basta lembrarmos que por aqui a onda anterior foi o axé, que explorou os “dotes” físicos das bailarinas desses grupos até não poder mais, sem falar nas letras que exploravam uma sexualidade machista, onde a mulher apenas proporciona prazer ao homem, isto é, rebola até este gozar. Nas paradas

musicais, os artistas que mais vendem são aqueles que exploram uma sexualidade padrão. Assim, as garotas artistas usam pouca roupa para mostrar seus corpos perfeitos, e os garotos exibem seus músculos e sua força. Agora o lance é o funk, e essas características de exploração duma sexualidade agressiva e heterossexual. A exploração desta característica tem uma causa, que é não somente manter a mulher aprisionada em seu papel de oprimida e submissa, mas também manter a máquina capitalista girando, já que, explicitamente, a cada onda musical as pessoas consomem mais discos e *merchandise* ligado a essa “marca” que se tornou o funk. Para manterem-se nos padrões de “poposuda” que essas músicas tanto exaltam, muitas mulheres consomem milhões de produtos, que prometem milagres para torna-las perfeitas. Sim, a história ainda não mudou, por mais conquistas que tenhamos conseguido, basta ligarmos a tv ou o rádio para percebermos que a imagem da mulher ainda é a mesma de séculos passados: aquela que serve.

\* Juliana Ferreira de Almeida é estudante de Letras na USP e estagiária da SOF.

## o que rola

### Funk machista: a linguagem da violência

A socióloga Alba Zaluar, pesquisadora da UFRJ e UNICAMP, há alguns anos vem alertando para a violência dos bailes funk e para a degradação das mulheres, manipuladas como objetos sexuais, tornando-as presas fáceis do machismo.

Para mostrar que o conteúdo das letras não é tão inofensivo assim, vale lembrar 2 exemplos. Na recente rebelião da penitenciária em São Paulo, algumas mulheres familiares dos presos lá presentes foram agredidas por policiais, levando tapas na cara e ouvindo a frase humilhante “só um tapinha não dói”. Outro fato: a denúncia de que uma adolescente carioca de 14 anos contraiu AIDs mostra as práticas sexuais de risco, comuns nesses bailes funks.

Por isso, as feministas advertem: **Funk machista provoca violência contra as mulheres.**

# folhafeminista

nº 21 março de 2001 ISSN 1516-8042

#### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

#### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria

**Editora:** Maria Lucia Silveira

**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa

**Diagramação:** Márcia Helena Ramos

**Fotolito:** Forma 3

**Impressão:** RWC Artes Gráficas

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
05417-080 – São Paulo – SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

## próximos números

- TRABALHO DOMÉSTICO
- TRANSGÊNICOS
- FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE MULHERES